

# Atitudes e preconceitos linguísticos face a variedades dialectais

Susana Cabeleira

Mestranda em Linguística Portuguesa da FLUL

## Introdução

O objectivo deste estudo é a análise sociolinguística das atitudes de falantes (informantes-inquiridos) do Português Europeu (PE) no que diz respeito a opiniões e ideias pré-concebidas sobre as diferentes variedades, e também as suas atitudes face a variedades dialectais coincidentes e não-coincidentes com a sua. O presente estudo é apenas exploratório. Com efeito, o número de informantes-inquiridos utilizados seria insuficiente na perspectiva de uma ‘radiografia sociolinguística’ abrangente da situação portuguesa, não tendo sido possível, por outro lado, obter total coincidência em relação a todas as variáveis independentes (sexo, faixa etária, profissão, estrato social, etc.).

## 1. Avaliação das atitudes linguísticas

Antes de se poderem avaliar as atitudes dos falantes face às produções a que estão expostos, é importante delimitar o conceito de atitude, perceber como são formadas e sustentadas pelos indivíduos e de que forma e em que medida diferem ou não de indivíduo para indivíduo. Foi o conceito de *atitude* que deu identidade à Psicologia Social, embora, tal como relativamente a grande parte dos conceitos, sejam múltiplas as suas definições, de entre as quais as mais recorrentes na literatura parecem ser as seguintes:

- (a) “Atitude é um estado de preparação mental ou neural, organizado através da experiência, e exercendo uma influência dinâmica sobre as respostas individuais a todos os objectos ou situações com que se relaciona.” (G. W. Allport, 1935)<sup>1</sup>;
- (b) “[Atitude é um constructo hipotético referente à] tendência psicológica favorável ou desfavorável de uma entidade específica.” (A. Eagly & S. Chaiken, 1993:1)<sup>2</sup>.

Se por um lado, Eagly & Chaiken advogam que as atitudes são um *constructo hipotético*, por outro lado, explicam-nas como uma *tendência psicológica*<sup>3</sup>, o que faz com

<sup>1</sup> *Apud* Monteiro & Vala (2000).

<sup>2</sup> *Apud* Monteiro & Vala (2000).

<sup>3</sup> “Por *tendência psicológica* entende-se um estado interior, com alguma estabilidade temporal (e daí a sua diferença relativamente aos traços de personalidade que seriam mais estáveis e aos estados emocionais que seriam mais passageiros).” (Lima, 2000:189)

que se possam considerar, tal como é feito pela maior parte dos autores, como sendo aprendidas e, conseqüentemente, alteráveis. As atitudes também estão intimamente ligadas a juízos de valor, podendo, por isso mesmo, expressar-se através de julgamentos avaliativos. Desta forma, as atitudes que manifestamos diariamente, de uma forma mais ou menos consciente, configuram directamente o tipo de comportamento que assumimos.

Para além do entendimento prévio sobre o que consideraremos como 'atitudes', torna-se também necessário clarificar o conceito de *estereótipo*<sup>4</sup>. Assim,

- (a) "Os estereótipos são estruturas cognitivas que contêm os nossos conhecimentos e expectativas, e que determinam os nossos julgamentos e avaliações, acerca de grupos humanos e dos seus membros." (Hamilton & Trolie, 1986)<sup>5</sup>;
- (b) "Os estereótipos são crenças que nos são transmitidas pelos agentes de socialização (os pais, a escola, os meios de comunicação social, etc.) (...)." (Katz & Braly, 1935)<sup>6</sup>.

A relação que cada um estabelece consigo próprio, com os outros e com o mundo favorece a criação de estereótipos, como se estes conduzissem a uma espécie de simplificação e clarificação de tudo aquilo em que nos vemos envolvidos, contribuindo para uma ordenação interior, mental, dos objectos envolventes. Com efeito, desde muito cedo somos obrigados a tomar posições críticas face àquilo que nos rodeia, sendo as nossas opiniões/atitudes em relação a objectos, pessoas, ideias, etc., em muito condicionadas pela ambiência em que crescemos e, mais tarde, pela bagagem cultural e pelos diferentes saberes que vamos adquirindo, em parte motivados pelos estímulos que recebemos do meio que nos envolve, os quais interiorizamos ou rejeitamos. Desta forma, construímos estereótipos ou ideias pré-concebidas sobre o mundo que nos rodeia, não sendo estranho a este processo o facto de, desde a infância, sermos confrontados com inúmeras restrições e regras sociais que, de uma forma ou outra, vamos sendo obrigados a cumprir. Como tal, se, por um lado, estas regras são prescritivas, por outro lado, são arbitrárias, dado serem diferentes de sociedade para sociedade. Quando se transpõe este tipo de realidade para o domínio da língua, verifica-se que, embora com pontos de contacto com fenómenos estritamente sociais, o fenómeno linguístico a que chamamos atitudes é não só central na experiência humana como, crê-se, bastante mais complexo.

A existência da ou das variedades padrão é usualmente, em grande parte das línguas, associada à capital do país onde essa língua é falada. Actualmente, em Portugal, há quem defenda, por exemplo, que a norma corresponde ao português falado na comunicação social, opinião muito consensual. Assim, uma variedade é escolhida como

<sup>4</sup> "Às vezes apetece-nos responder a outrem: «Isso é um estereótipo!», para mostramos que discordamos ou que achamos exagerado. Mas isso não nos impede, noutras ocasiões, de recorrer a máximas do tipo «os portugueses são hospitaleiros», «os ingleses são snobes», «os suíços são pontuais». A palavra japonês faz-nos imaginar alguém com características físicas orientais a sair, com três máquinas fotográficas a tiracolo, de um autocarro de turismo." (Marques & Paéz, 2000:333)

<sup>5</sup> *Apud* Monteiro & Vala (2000).

<sup>6</sup> *Apud* Monteiro & Vala (2000).

*standard*, a norma associa-se a determinado grupo de falantes e ambas são aceites pelos grupos sociais prestigiados. A sua difusão quer geográfica quer social ocorre através dos mais variados meios, dentre os quais gramáticas, dicionários, etc. Assim se percebe que os falantes recorram a profissionais especializados para o esclarecimento das suas dúvidas, não ficando satisfeitos com uma resposta com várias alternativas. Como tal, parte-se do pressuposto de que quando coexistem formas diferentes, só uma delas poderá estar correcta. Desta forma, é extremamente frequente que os falantes façam julgamentos linguísticos baseados no que é *correcto* ou *incorrecto* numa língua. Tal não deriva apenas de julgamentos puramente linguísticos, mas, mesmo que não seja feito de forma totalmente consciente, também deriva de julgamentos e estereótipos sociais. Além dos julgamentos sobre *correção* e *adequação*, existem ainda os julgamentos estéticos sobre as diferentes línguas, variedades ou pronúncias. Tem sido dada menos atenção linguística a esta última área, embora ela seja tão interessante ou importante como as outras duas. Num nível informal, linguistas e falantes comuns podem inclusive fazer comentários do mesmo tipo: *a pronúncia de Lisboa é mais bonita do que a pronúncia de Setúbal*. Contudo, de um ponto de vista linguístico, estas considerações não devem ser tidas em conta se usadas como pretexto, por exemplo, pelos professores nas escolas para incutirem uma determinada pronúncia nos alunos, explicando-lhes que assim poderão falar de uma forma mais satisfatória do ponto de vista estético<sup>7</sup>. Tal pode levar, por exemplo, a que os falantes se sintam relutantes em falar em certas situações, especialmente as mais formais, uma vez que se sentem constrangidos com possíveis comentários menos agradáveis.

Bezooijen (2002) refere que os primeiros estudos<sup>8</sup> sobre avaliações linguísticas, mais especificamente sobre avaliações estéticas, surgiram na década de 70, com Giles (1971)<sup>9</sup> e Trudgill & Giles (1978)<sup>10</sup>. Face aos resultados obtidos, Giles *et al.* (1974)<sup>11</sup> apontam duas perspectivas opostas: 1ª) a “*inherent value hypothesis*”; 2ª) a “*imposed norm hypothesis*”. Na primeira hipótese defende-se que algumas línguas, variedades ou pronúncias são inerentemente mais agradáveis do que outras. Como tal, estas foram aceites como padrão e adquiriram prestígio simplesmente pelo facto de serem mais bonitas, mais atractivas. Desta forma, os falantes associados a estes padrões são, como refere Giles (1971), avaliados como mais inteligentes, mais fidedignos e mais educados do que os demais. Mas, e focando outro aspecto muito importante, se afinal a maior parte dos falantes é unânime em considerar como “mais bonito”, “mais agradável” o *RP accent*, Trudgill (1984) questiona se se podem ignorar tais opiniões, argumentando que

<sup>7</sup> “The grave danger here is that, whether views of this sort are accompanied by ridicule or by kindness, they lead speakers to disparage their own language, and children in particular to develop feelings of linguistic insecurity and even of what has been called «linguistic self-hatred».” (Trudgill, 1984:209).

<sup>8</sup> Em ambos os estudos os resultados foram semelhantes, visto que os falantes consideraram a *Received Pronunciation* como sendo a mais bonita, ficando em último lugar as pronúncias de alguns meios urbanos.

<sup>9</sup> *Apud* Bezooijen 2002.

<sup>10</sup> *Apud* Bezooijen 2002. (Em ambos os estudos os resultados foram semelhantes, visto que os falantes consideraram a *Received Pronunciation* como sendo a mais bonita, ficando em último lugar as pronúncias de alguns meios urbanos.)

<sup>11</sup> *Apud* Bezooijen 2002.

a maior parte dos falantes estão errados. Este elevado grau de uniformidade é certamente um argumento a favor da 1ª hipótese. Contudo, podemos encontrar, através de inúmeros estudos e literatura sobre os mesmos, quer argumentos que fundamentem a 1ª hipótese, quer argumentos que a contrariem. Como tal, parece que “if everyone has been subjected to the same cultural pressures, it is hardly surprising that they all produce the same sort of overt statement.” (Trudgill, 1984:212), algo que irá desembocar na 2ª hipótese. Quanto à segunda hipótese, defende-se que dentro de uma mesma língua se pode encontrar uma variedade que é a mais agradável e a mais bonita, todavia o modo como os falantes constroem opiniões positivas ou negativas sobre ela baseia-se somente em determinadas pressões culturais que existem na sociedade. A variedade considerada padrão e a pronúncia que lhe está associada adquire um determinado estatuto porque os falantes que a usam pertencem a um certo enquadramento económico, social, cultural, etc., que é reconhecido como aquele que tem mais prestígio, resultando, assim, unicamente de pressões sociais<sup>12</sup>. Mais tarde, Trudgill & Giles (1978) concluem que as avaliações dos falantes não só opõem variedade padrão / variedades não padrão, como também são capazes de diferenciar esteticamente as variedades não padrão (Bezooijen, 2002:14). Como tal, os falantes são capazes de fazer afirmações como: *a variedade x é mais bonita do que a y mas mais feia do que a z*. Esta nova descoberta faz com que a “*imposed norm hypothesis*” inclua esta última, isto é, a “*social connotations hypothesis*”. Baseado nos estudos efectuados por Boets & De Schutter (1977)<sup>13</sup>, Bezooijen (2002) acrescenta mais uma hipótese às já anteriormente descritas – “*intelligibility driven hypothesis*”. A inteligibilidade ou não de uma determinada variedade faz com que os falantes lhe atribuam padrões estéticos mais ou menos elevados, respectivamente. Assim, recorre-se à ideia de que só se pode gostar de algo quando se percebe esse algo. Por fim, Bezooijen (2002) acrescenta ainda outra hipótese – “*familiarity driven hypothesis*”. Tal como o nome indica, esta diz respeito à familiaridade que os falantes têm com as diferentes variedades de uma língua – quanto mais familiar for a variedade mais bonita será também. Em suma,

“The five hypothesis given all try to explain what aesthetic judgments are caused by: the sounds of varieties, aspects of the context (by whom and where), cultural norms, intelligibility, and familiarity. In a more general way, leaving the cause of the positive attitudes towards the standard aside, one may predict that non-standard varieties will be judged to be more beautiful as they are seen to be more similar to the standard. This hypothesis is referred to as the *similarity driven hypothesis*.” (Bezooijen, 2002:15).

<sup>12</sup> “As speakers of the standard variety are generally attributed positive properties such as intelligence, high status, professional success, wealth, etc., the variety they speak is seen in a positive light as well.” (Bezooijen, 2002:15)

<sup>13</sup> *Apud* Bezooijen 2002.

## 2. Metodologia

Aplicou-se a palavra *inquirido* a todos os informantes aos quais foi aplicado um inquérito. Existem três informantes-inquiridos por cada uma das oito cidades seleccionadas: Chaves, Mirandela, Aveiro, Lisboa, Braga, Porto, Leiria e Viseu, sendo o total dos mesmos de vinte e quatro. Visto tratar-se de um estudo sociolinguístico, foi necessário enquadrar os informantes-inquiridos em diferentes escalões sociais e linguísticos, tendo como objectivo verificar até que ponto esta diferenciação exerce influência nos julgamentos, opiniões e atitudes linguísticas dos falantes do PE. Desta forma, foram escolhidas para este estudo oito variáveis sociais diferentes: sexo, faixa etária, profissão, estrato social, nível cultural, variedades, preconceitos sociais e postura social<sup>14</sup>. Visto que surgem inúmeros problemas resultantes quer da definição quer da aplicação de palavras como *falar* ou *dialecto*, neste estudo optou por se utilizar o termo variedade<sup>15</sup> por três motivos principais: (i) é um termo neutro, sem conotações positivas ou negativas de qualquer tipo; (ii) é um termo que pode substituir perfeitamente *falar* ou *dialecto*; (iii) é um termo suficientemente abrangente para englobar variação linguística e social. Por tudo isto e por uma questão de simplificação terminológica, considera-se que os vinte e quatro informantes gravados constituem amostras de oito variedades distintas.

## 3. Análise de dados

### 3.1. Avaliações estéticas das variedades (variedades feias)

No presente estudo obtiveram-se os seguintes resultados, no que diz respeito à avaliação estética (variedades feias) das variedades do PE: 26% dos informantes-inquiridos negam que existem variedades que possam ser mais feias do que outras<sup>16</sup>; 74% defendem que existem no PE variedades mais feias do que outras. Vejam-se, no gráfico abaixo, quais as variedades apresentadas como exemplos para os 74% dos informantes-inquiridos que consideraram a existência de variedades feias. No total, são as variedades do Porto, em primeiro lugar, e de Viseu, em segundo lugar, aquelas que reuniram um número mais significativo de respostas dadas. Curiosamente, os informantes do Porto são os únicos que indicam a sua própria variedade como sendo a mais feia do PE. Prova-se, desta forma, que, ao contrário do que verificou Demirci (2002) na Turquia, o factor *proximidade* não se mostra relevante para os informantes-inquiridos do Porto. Mas tão somente para estes informantes-inquiridos. Aliás, de acordo com as opiniões destes, o conceito

<sup>14</sup> Torna-se impossível, face ao limite de páginas apresentado, explicar quais as opções tomadas para as diferentes classificações sociais dos informantes-inquiridos bem como justificar essas mesmas opções.

<sup>15</sup> "One term we shall be using (...) is variety. We shall use 'variety' as a neutral term to apply to any particular kind of language which we wish, for some purpose, to consider as a single entity." (Chambers & Trudgill, 1998:5).

<sup>16</sup> As justificações dos informantes-inquiridos prendem-se com a forma positiva como encaram a diversidade dialectal no PE, isto é, estes falantes defendem que essa diversidade deve ser conservada tal como se conservam outros tipos de patrimónios (gastronómico, histórico, arquitectónico, etc.). Assim sendo, os informantes encontram justificações linguísticas para tal, mostrando, desta forma, consciência da variação existente em Portugal e uma intenção clara de que essa variação se mantenha. Contudo, estes informantes são, como se pôde constatar, muito menos do que os restantes.

*proximidade* é enviesado, visto o resultado da avaliação ser precisamente o oposto do esperado. Uma vez que o factor *proximidade* se relaciona com a “*familiarity driven hypothesis*”, podemos concluir que esta não se aplica no caso específico dos falantes do Porto. No entanto, a proximidade tem alguma influência em relação aos informantes das restantes variedades, uma vez que a maior parte destes dá exemplos de variedades que não são próximas da sua própria variedade. Quer isto dizer que quanto mais próxima e familiar é uma variedade mais bonita se torna. Mas, também aqui, tal não se aplica à indicação da variedade do Porto, pois é apontada quer por informantes-inquiridos de variedades próximas do Porto quer por informantes de variedades mais distantes do Porto, o que confirma, uma vez mais, o estatuto excepcional desta variedade em Portugal.

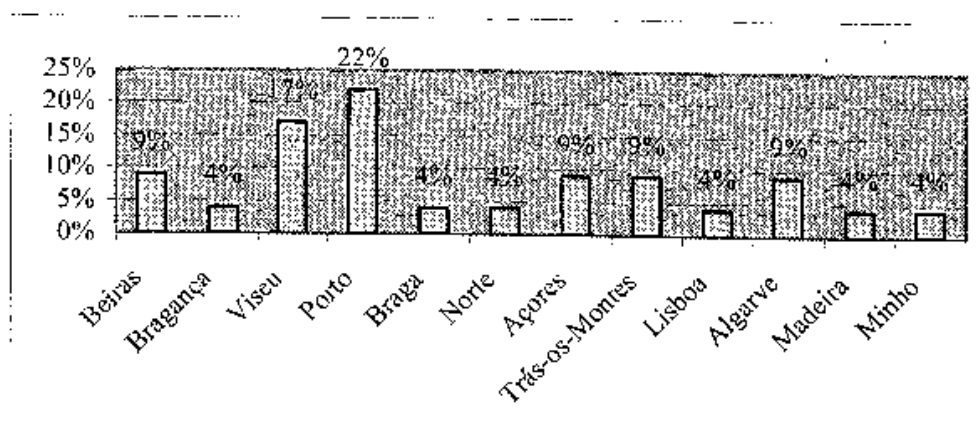


Gráfico 1 – Variedades consideradas feias no PE

Verifiquemos se o mesmo se pode dizer em relação à inteligibilidade, tal como defendido pela “*intelligibility driven hypothesis*”:

	Variedades feias	Variedades ininteligíveis
Quarteira		3%
Bragã	4%	3%
Algarve	9%	3%
Alentejo		3%
Porto	22%	7%
Açores	9%	41%
Madeira	4%	24%
Mirandês		14%
Beiras	9%	
Bragança	4%	
Viseu	17%	
Norte	4%	
Trás-os-Montes	9%	
Lisboa	4%	
Minho	4%	

Quadro 1 – Comparação dos resultados da indicação de variedades feias e de variedades ininteligíveis do PE

Como se pode verificar através do quadro, torna-se claro que não há uma relação entre estes dois factores no PE, ao contrário do verificado em alguns estudos com outras línguas. No PE verifica-se, inclusive, o fenómeno oposto, ou seja, as variedades com percentagens mais elevadas de ininteligibilidade – Açores, Madeira e Mirandês<sup>17</sup> – não são as que apresentam as percentagens mais elevadas nas variedades consideradas feias. Assim, a ininteligibilidade das variedades não influencia negativamente os julgamentos estéticos. Como tal, não se confirma a “*intelligibility driven hypothesis*”.

Por fim, nas justificações das variedades apontadas como sendo as mais feias, há a considerar dois tipos de justificações – de base linguística e de base extra-linguística, sendo que as primeiras dizem respeito a um número muito menor de respostas. Há ainda a considerar o importante facto de que as características linguísticas negativas e as características extra-linguísticas de cariz depreciativo incidem essencialmente na variedade do Porto.

Características fonéticas	<i>Dizer muitos [j]</i> (Bragança, Viseu, Beiras e Trás-os-Montes).
Características pragmáticas	<i>Ter uma pronúncia incompreensível</i> (Madeira e Açores) <sup>18</sup> .
Características lexicais	<i>Dizer palavras</i> (Norte, Braga, Minho e Porto).
Características extra-linguísticas	<i>Não gostar das pessoas</i> (Lisboa); <i>Ter pronúncia feia</i> (Algarve); <i>Ter pronúncia parola, agressiva, exagerada, falar grosso, considerar que as pessoas são brutas, brutas, feirantes</i> (Norte e Porto).

Quadro 2 – Características linguísticas e extra-linguísticas justificativas das avaliações estéticas (variedades feias)

As atitudes que os falantes do PE, nos quais se incluem de forma algo estranha os próprios falantes do Porto, manifestam em relação à variedade do Porto destaca esta variedade de todas as outras<sup>19</sup>. Em primeiro lugar, porque são muito poucos aqueles que não manifestam uma opinião bastante vincada sobre a variedade do Porto; em segundo lugar, porque é alvo constante de paródias, extremamente divulgadas pelos meios de comunicação social; em terceiro lugar, porque o Porto é o representante da rivalidade (saudável) norte / sul. Note-se que os informantes, mesmo quando solicitados a justificarem o porquê da sua consideração da variedade do Porto como sendo feia, a determinada altura, caracterizam os falantes do Porto e não a variedade em si.

### 3.2. Avaliações linguísticas das variedades

Visto que se abordaria a expressão *falar bem vs. falar mal* no inquérito, tornou-se fundamental, para confronto posterior com as respostas dos informantes, averiguar qual

<sup>17</sup> Embora esta última tenha adquirido, muito recentemente, o estatuto de língua.

<sup>18</sup> Veja-se que esta justificação poderia ser contraditória face à não confirmação da “*intelligibility driven hypothesis*”, no entanto, ela foi indicada por apenas um informante-inquirido.

<sup>19</sup> Veremos posteriormente se este comportamento também se verifica nas restantes avaliações.

o significado dos mesmos para *falar bem*. Como tal, na 1ª parte do inquérito, foi feita a seguinte questão – 30. *O que significa para si dizer que uma pessoa “fala bem”?*. Foram referidos pelos informantes-inquiridos os parâmetros<sup>20</sup> que se seguem<sup>21</sup>: a) *empregar as frases correctamente* – 30%; b) *expressar-se correctamente* – 27%; c) *ter poder de síntese* – 12%; d) *não dizer palavrões* – 6%; e) *pronunciar correctamente as palavras* – 6%; f) *ter um vocabulário vasto* – 6%; g) *não ter pronúncia* – 3%; h) *falar como se fala em Coimbra* – 3%; i) *ter capacidade retórica* – 3%; j) *saber o que se diz* – 3%.

### 3.2.1. Correção

Vejam os resultados no que diz respeito à avaliação linguística (falar melhor) das variedades do PE: há 70% de informantes-inquiridos que alegam a existência de localidades em Portugal onde se fala melhor, contra 30% que defendem que não<sup>22</sup>. Estes resultados, tão distantes em termos percentuais, indicam que em Portugal existem poucos falantes que não são social e culturalmente induzidos pelos estereótipos criados à volta de determinadas questões linguísticas. No gráfico seguinte encontram-se os locais dados como exemplo por esses 70% dos informantes acima mencionados:

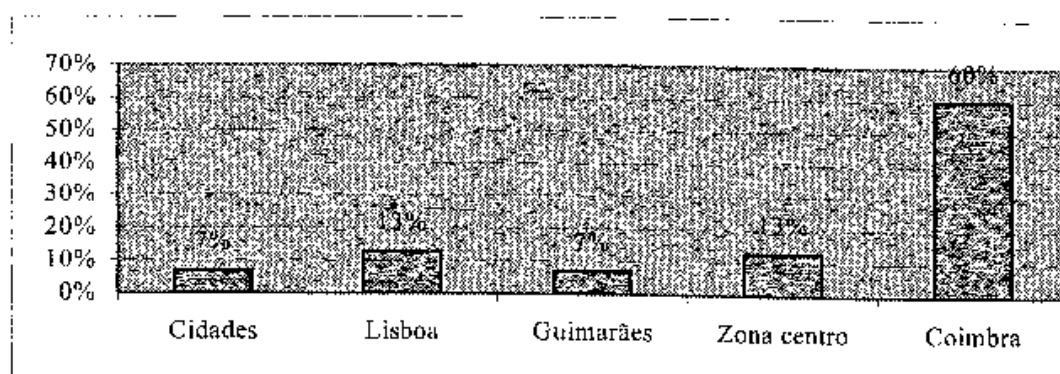


Gráfico 2 – Locais onde se fala melhor em Portugal

O facto de serem apontadas tão somente cinco localizações (exceptuando *Guimarães* e *Cidades*, verifica-se que todas as variedades mencionadas se localizam geograficamente entre Lisboa e Coimbra<sup>23</sup>, sendo que esta última se distancia amplamente de todas as outras) indica o grau de consenso para os falantes do PE relativamente a esta questão. Além do mais, *Guimarães*<sup>24</sup> e *Cidades* são indicados, cada um, por apenas um

<sup>20</sup> Os informantes-inquiridos fizeram livremente referência ao que entenderam ser importante.

<sup>21</sup> Os parâmetros são referidos tal como foram ditos pelos informantes-inquiridos.

<sup>22</sup> Neste caso, sempre que estes informantes justificam as suas respostas, explicam que o *falar bem* é um conceito relacionado com *peças* e não com *localidades*. Desta forma, dentro de uma mesma localidade existem indivíduos que falam muito bem e outros que falam menos bem.

<sup>23</sup> Precisamente o oposto do verificado para as *variedades feias*.

<sup>24</sup> É algo estranho, face às restantes respostas, que apareça uma cidade da Zona Norte neste conjunto, como é o caso de Guimarães. No decorrer do inquérito, o informante-inquirido de Lisboa que apontou a cidade como exemplo fez referência a uma experiência muito positiva que teve numa única visita que fez a essa



informante-inquirido, o que concentra a maioria das respostas em apenas três localizações. O facto de aparecer *Cidades* como o local onde melhor se fala prende-se com a opinião, que alguns informantes-inquiridos<sup>25</sup> demonstraram ao longo do inquérito, de que nas cidades há mais informação, de que as pessoas têm mais acesso à cultura, de que as pessoas são mais instruídas, etc. Devido a esta série de condições favoráveis, as pessoas falam melhor do que nos meios rurais. Face a este tipo de opiniões manifestadas pelos informantes, ainda na 1ª parte do inquérito averiguou-se se os informantes-inquiridos consideram que quanto mais elevada é a escolaridade, a cultura, etc., melhor uma pessoa fala. Depois de feita a seguinte pergunta – 25. *Acha que há diferenças entre as pessoas que são mais instruídas, mais cultas, mais escolarizadas do que as que são menos instruídas, menos cultas e menos escolarizadas?* –, foram obtidas as respostas seguintes: a) *sim* – 79%, b) *não* – 17%, c) *depende* – 4%.

Testemos, de seguida, a relação falar melhor com a ininteligibilidade das variedades, ou seja, veja-se a “*intelligibility driven hypothesis*”. Através do quadro seguinte vê-se que, ao contrário do que aconteceu na avaliação dos parâmetros estéticos (variedades feias), neste parâmetro em avaliação não há qualquer coincidência entre a coluna da esquerda e a coluna da direita. Como tal, a indicação de uma variedade como sendo ininteligível impede a sua indicação como exemplo do ‘*falar bem*’. Confirma-se a “*intelligibility driven hypothesis*”:

	Falar melhor	Variedades ininteligíveis
Quarteira		3%
Braga		3%
Algarve		3%
Alentejo		3%
Porto		7%
Açores		41%
Madeira		24%
Mirandês		14%
Lisboa	13%	
Guimarães	7%	
Cidades	7%	
Coimbra	60%	
Zona	13%	
Centro		

Quadro 3 – Comparação dos resultados da indicação dos locais onde se fala melhor em Portugal com a indicação das variedades ininteligíveis do PE

Na análise das respostas dos informantes, verifica-se também que não há qualquer ligação entre a familiaridade dos falantes do PE com uma determinada variedade (que poderá resultar do grau de proximidade geográfica estabelecida com essa mesma variedade) e os locais apontados pelos falantes. Assim, não é possível confirmar a

cidade. Talvez por isso tenha ficado positivamente impressionado com as pessoas com quem contactou. Assim, a experiência social positiva transpôs-se para uma crença linguística também positiva.

<sup>25</sup> Mesmo aqueles que não deram este exemplo neste caso específico.

“*familiarity driven hypothesis*”. Todavia, é possível confirmar a “*similarity driven hypothesis*”, visto que os informantes-inquiridos valorizam o conceito *variante standard*, comprovado pelo número reduzido de locais apontados e pela relação geográfica estreita que esses locais estabelecem uns com os outros.

As justificações das localidades apontadas como sendo aquelas onde se fala melhor, são quer de base linguística quer de base extra-linguística. Todas as justificações são de carácter positivo, excepto a conotação negativa veiculada na expressão “sotaque de superioridade”<sup>26</sup>.

Características fonéticas	<i>Sem pronúncia; pronúncia pouco acentuada, neutra; pronunciar bem todos os sons (Coimbra, Zona Centro, Lisboa).</i>
Características sintácticas / semânticas	<i>Construção correcta de frases; falar correctamente (Lisboa).</i>
Características pragmáticas	<i>Facilidade de expressão (Coimbra).</i>
Características extra-linguísticas	<i>Pronúncia bonita, meiga; falar fino; pessoas cultas, educadas, com mais escolaridade; falam melhor (Coimbra, Lisboa). Pessoas cultas (Guimarães). Sotaque de superioridade (Lisboa).</i>

Quadro 4 – Características linguísticas e extra-linguísticas justificativas das avaliações linguísticas (falar melhor)

Tal como aconteceu nas justificações das avaliações estéticas, os informantes, a determinado momento, atribuem características às pessoas em vez de o fazerem em relação ao modo como essas pessoas falam. Assim sendo, a avaliação sociocultural cola-se à avaliação linguística: aos tipos de indivíduos considerados positivamente associa-se uma apreciação positiva das suas características linguísticas (meiguice, beleza, suavidade, etc.). Os informantes-inquiridos referem ainda inúmeras vezes que em Lisboa, na Zona centro e em Coimbra, não existe pronúncia, havendo, desta forma, uma ideia generalizada de que nestas localizações o sotaque tem um grau zero, de que não existe sotaque, e que esse grau aumenta à medida que nos vamos afastando desses mesmos locais. Verifica-se que as pessoas são preconceituosamente caracterizadas como tendo educação ou como sendo escolarizadas, por exemplo, se fizerem parte da variedade de Lisboa, da Zona centro ou de Coimbra. Estamos, sem dúvida, perante a confirmação da “*imposed norm hypothesis / social connotations hypothesis*”.

É pertinente questionarmo-nos por que razão se continua a manter a ideia vincada de que a zona compreendida entre Coimbra e Lisboa é a zona onde se fala melhor, onde a pronúncia é mais correcta<sup>27</sup>. A verdade é que esta ideia foi criada há muitos anos atrás, situando-se justamente a geografia da norma padrão na zona entre Lisboa e Coimbra, e é ela que perdura nos dias de hoje no imaginário dos falantes, como estereótipo. Razão

<sup>26</sup> Esta expressão foi usada por um informante-inquirido de Braga.

<sup>27</sup> Aliás, são os próprios informantes que se questionam: “Criou-se, não sei porquê, uma ideia geral de que em Lisboa se fala bem!”.

confirmada pelos resultados percentuais obtidos e pelas justificações extra-lingüísticas dadas pelos informantes-inquiridos. Por fim, comprova-se que existe uma espécie de rivalidade lingüística (embora pacífica<sup>28</sup> e no bom sentido), sentida em muitos outros campos, entre o norte e o sul do país. Ilustrativo disto é o comentário de um informante-inquirido de Braga – “Infelizmente, o sítio onde se fala melhor é em Lisboa...”. Além do mais, as disparidades, sobretudo, económicas e sociais entre o interior e o litoral do país, favorecem uma visão positiva deste último. Estes resultados no PE estão, uma vez mais, de acordo com o que foi verificado noutros países.

### 3.2.2. Incorreção

Relativamente à segunda avaliação lingüística (falar pior) em análise, obtiveram-se os seguintes resultados: 75% dos informantes-inquiridos consideram a existência de locais onde se fala pior do que noutros, enquanto 25% dos informantes manifestam a ideia oposta<sup>29</sup>. No gráfico que se segue encontram-se os locais dados como exemplo pelos 75% dos informantes acima mencionados: as percentagens mais elevadas encontram-se no Porto<sup>30</sup> e nas zonas rurais, obtendo cada uma apenas 19% das respostas dadas. Se no parâmetro *correção* são indicados cinco locais, no parâmetro *incorreção* são apontados doze. Desta forma, a relação do número de respostas obtidas entre os dois parâmetros evidencia que quanto menor é o número de sítios indicados, menos vincados são os preconceitos e os estereótipos sociais, culturais, económicos, etc., visto que os informantes-inquiridos não reagem todos num único sentido.

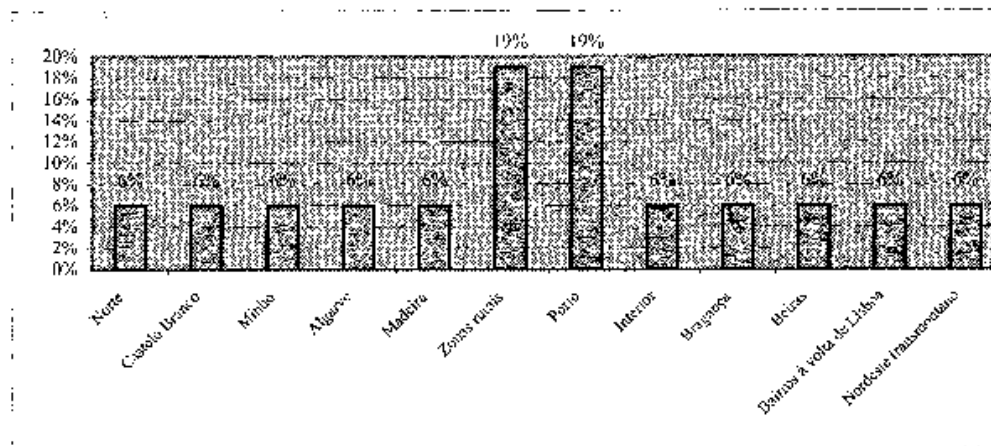


Gráfico 3 – Locais onde se fala pior em Portugal

<sup>28</sup> Basta para isso fazer uma comparação com o que acontece em Espanha, por exemplo.

<sup>29</sup> Os 25% dos falantes que alegam a não existência de sítios onde se fala pior apresentam, como seria de esperar, os mesmos motivos que na consideração da não existência de sítios onde se fala melhor.

<sup>30</sup> A percentagem é muito semelhante à percentagem que o Porto obteve na indicação das variedades feias (avaliação estética), demonstrando assim uma relação entre os juízos existentes sobre as variedades feias e a incorreção lingüística.

Todos os locais apontados, excepto um, afastam-se fisicamente do eixo referido como sendo aquele onde se fala melhor, que é a zona entre Coimbra e Lisboa. Essa excepção prende-se com os “bairros à volta de Lisboa”, que, como se sabe, estão conotados como focos dos mais variados problemas sociais: tráfico de droga, crescimento urbanístico desorganizado, sobrelotação de pessoas, insegurança, criminalidade, etc. Assim se vê, devido a este e aos restantes resultados, que os indivíduos transferem as ideias sociais que têm dos diferentes locais para as questões linguísticas. É o que se verifica quando, por exemplo, são apontados os meios rurais, porque as pessoas aí não têm tantos estudos, não têm tanto acesso à informação, etc. E se é verdade que o interior é menos desenvolvido do que o litoral, os informantes-inquiridos fazem generalizações que se estendem a todos os falantes que daí sejam oriundos. Existem ideias pré-concebidas sobre a organização social, cultural, económica, etc., que fazemos de Portugal, que não são dissociadas das ideias que se concebem sobre a maneira como as pessoas falam em determinados locais do nosso país, saindo, por exemplo, Lisboa linguisticamente superior ao Porto e o Litoral linguisticamente superior ao Interior. Tal significa que os falantes do PE são sensíveis aos factores desenvolvimento económico e desenvolvimento sociocultural; todavia, por vezes, esses factores são ultrapassados por estereótipos, razão pela qual o Porto apresenta a mesma percentagem, no que diz respeito ao parâmetro *incorrecção*, que as Zona rurais. É o que se pode ver precisamente na enorme diferença entre os resultados percentuais dos informantes-inquiridos que consideram que se fala melhor em Lisboa do que no Porto. Estas percentagens resultam da pergunta 30.4. feita na 1ª parte do Inquérito: *E se eu lhe perguntar se se fala melhor em Lisboa ou no Porto, o que me responde?*. As percentagens são extremamente esclarecedoras: 96% para Lisboa, 4% para o Porto. Confrontando linguisticamente as duas maiores cidades de Portugal, ambas no litoral e ambas desenvolvidas, os resultados de uma face à outra são abissais.

É de referir ainda que os informantes-inquiridos de Mirandela, Chaves e Porto apontam exemplos da sua própria região, embora nunca com percentagens elevadas, o que prova que não há qualquer ligação entre a familiaridade dos falantes do PE com uma determinada variedade e a avaliação *incorrecção* que os mesmos fazem<sup>31</sup>. Desta forma, não se pode também confirmar a “*familiarity driven hypothesis*”. Teste-se agora a relação *falar pior* com a “*intelligibility driven hypothesis*”:

	Falar pior	Variedades inteligíveis
Quarteira		3%
Braga		3%
Algarve	6%	3%
Alentejo		3%
Porto	19%	7%
Açores		41%
Madeira	6%	24%

<sup>31</sup> Recorde-se que se verificou exactamente o mesmo para a avaliação *correção*.

	Falar pior	Variedades ininteligíveis
Mirandês		14%
Norte	6%	
Castelo Branco	6%	
Minho	6%	
Zonas rurais	19%	
Interior	6%	
Bragança	6%	
Beiras	6%	
Bairros a volta de Lisboa	6%	
Nordeste transmontano	6%	

Quadro 5 – Comparação dos resultados da indicação dos locais onde se fala pior em Portugal com a indicação das variedades ininteligíveis do PE

Os informantes-inquiridos consideram que, apesar de algumas variedades serem ininteligíveis, tal não significa que estas sejam obrigatoriamente exemplos de *incorrecção*, uma vez que na comparação da coluna da esquerda com a coluna da direita não se conseguem estabelecer padrões sistemáticos<sup>32</sup>. Assim sendo, não se confirma a hipótese.

Uma vez mais, as justificações das escolhas dos informantes são de cariz linguístico e extra-linguístico. As características linguísticas dizem respeito ao Porto, ao Minho e à Madeira; por seu lado, as características extra-linguísticas, de carácter negativo, relacionam-se com o Porto, as zonas rurais, o interior e Castelo Branco:

Características fonéticas	<i>Sons abertos (Porto).</i>
Características lexicais	<i>Usar muito calão (Minho).</i>
Características linguísticas gerais	<i>Falar como se escreve (Madeira).</i>
Características extra-linguísticas	<i>Relação falar mal / baixa escolaridade; relação falar mal / menos estímulos; relação falar mal / menos informação; relação falar mal / redes sociais fechadas; proximidade má; falar mal (Porto, zonas rurais, interior, Castelo Branco).</i>

Quadro 6 – Características linguísticas e extra-linguísticas justificativas das avaliações linguísticas (falar pior)

As justificações extra-linguísticas vêm confirmar as opiniões dos informantes-inquiridos anteriormente descritas, uma vez que 79% dos informantes defendeu haver uma relação evidente entre maior escolaridade, cultura / falar melhor. Poderá, então, isto significar que os informantes-inquiridos consideram que os falantes do Porto são menos cultos e escolarizados? Se uma resposta afirmativa fará algum sentido, por exemplo, em relação à realidade vivida nas zonas rurais, o mesmo não se poderá dizer em relação ao Porto. Mais uma vez se prova que os informantes não se conseguem dissociar da ideia

<sup>32</sup> Verificam-se até aqui duas tendências perante a *"intelligibility driven hypothesis"*: primeira – esta confirma-se quando são feitas avaliações positivas; segunda – esta infirma-se quando são feitas avaliações negativas.

generalizada que se criou sobre a variedade do Porto. As ideias linguísticas sobre o Porto e sobre Coimbra são dois estereótipos muito enraizados actualmente em Portugal.

### 3. Conclusões

De acordo com a análise através das oito variáveis sociais, nas avaliações estéticas (consideração da existência<sup>33</sup> de variedades mais feias do que outras), apenas algumas variáveis se mostram influentes no tipo de resultados. Assim, as atitudes do sexo feminino e do sexo masculino dependem da faixa etária e da postura social: a) na faixa etária mais nova e nas posturas sociais alta e média, o sexo feminino apresenta percentagens mais elevadas do que o sexo masculino; b) na faixa etária entre os 36 e os 46 anos de idade e na faixa etária mais velha e na postura social baixa, o sexo masculino apresenta percentagens mais elevadas do que o sexo feminino. As diferenças percentuais comprovam a mudança significativa no papel da mulher nas sociedades modernas nas últimas décadas. Todavia, de uma forma geral, o sexo masculino mostra uma maior aceitação das variedades não padrão. Além do mais, tal como indica a literatura, nas avaliações estéticas verifica-se que a geração mais nova demonstra atitudes semelhantes às da geração mais velha. Em geral, a faixa etária compreendida entre os 36 e os 46 anos de idade indica uma maior aceitação das variedades não padrão.

De acordo com o que foi descrito em 3.1., nas avaliações estéticas (variedades feias), parecem confirmar-se três hipóteses distintas: primeira, "*familiarity driven hypothesis*" (excepto para a variedade do Porto); segunda, "*similarity driven hypothesis*" – uma vez que as variedades apontadas apresentam inúmeras características diferenciadoras da variedade considerada *standard* –; terceira, "*imposed norm hypothesis / social connotations hypothesis*" – visto que as opiniões sobre as variedades e os falantes resultam de tradições culturais e sociais, mais estereotipadas do que propriamente empíricas<sup>34</sup>. Comprova-se que os resultados no PE vêm precisamente de encontro ao que foi verificado noutros países, isto é, existe uma deslocação das características sociais, culturais, etc., para as características linguísticas.

Nas avaliações linguísticas, as percentagens obtidas para a consideração da existência de variedades menos correctas são mais altas do que as obtidas para a consideração da existência de variedades mais correctas. De acordo com a análise através das oito variáveis sociais, nas avaliações linguísticas (consideração da existência de locais onde se fala pior do que noutros), apenas algumas variáveis se mostram influentes no tipo de resultados. Como tal, as atitudes do sexo feminino e do sexo masculino dependem da faixa etária: assim: a) na faixa etária mais nova, o sexo feminino apresenta percentagens mais elevadas do que o sexo masculino; b) na faixa etária entre os 36 e os 46 anos de idade e na faixa etária mais velha, o sexo masculino apresenta percentagens mais elevadas do que o sexo feminino. Quanto à análise reali-

<sup>33</sup> Nas avaliações estéticas, conclui-se que quanto mais altas são as percentagens apresentadas menor é a aceitação das variedades não padrão do PE.

<sup>34</sup> Por que razão consideram os falantes que dizer muitos [ʃ] é feio? Se o som existe em todas as variedades do PE, qual a razão de ele só se tornar feio em algumas dessas variedades?

zada com base nas oito variáveis sociais, nas avaliações linguísticas (consideração da existência de locais onde se fala melhor do que noutros), constata-se que as atitudes dos sexos feminino e masculino não dependem da faixa etária, pois são sempre os informantes do sexo masculino que apresentam percentagens mais altas. Embora continue a ser comprovada a mudança significativa no papel da mulher nas sociedades modernas nas últimas décadas, as diferenças verificadas entre sexos nos dois parâmetros linguísticos em avaliação comprovam, sobretudo, a maior relutância do sexo feminino em admitir a existência de variedades mais correctas das quais as informantes-inquiridas não fazem parte. De uma forma geral, nas avaliações linguísticas<sup>35</sup>: (i) o grau de diferença das atitudes do sexo feminino e do sexo masculino dependem do estrato social – assim: quanto mais alto for o estrato social, mais diferenças percentuais existem entre os dois sexos; (ii) a postura social média dos informantes, independentemente do sexo, faz com que os preconceitos linguísticos daqueles sejam muito reduzidos; (iii) verifica-se que a geração mais nova demonstra atitudes semelhantes às da geração mais velha; (iv) a faixa etária compreendida entre os 36 e os 46 anos de idade indica um menor grau de preconceitos e estereótipos linguísticos; (v) conclui-se que quanto mais altas são as percentagens apresentadas maiores são os estereótipos linguísticos dos informantes-inquiridos para com as variedades do PE.

Em suma, nas avaliações linguísticas (falar pior) podem confirmar-se duas hipóteses diferentes: primeira e mais relevante – “*imposed norm hypothesis / social connotations hypothesis*”, uma vez que há uma visível relação entre a organização social, económica e cultural e as avaliações linguísticas; segunda – “*similarity driven hypothesis*”, visto não ter sido referido nenhum local com características linguísticas semelhantes às da variedade padrão. Por sua vez, nas avaliações linguísticas (falar melhor)<sup>36</sup> confirmam-se as seguintes hipóteses: a) “*intelligibility driven hypothesis*”; b) “*similarity driven hypothesis*”; c) “*imposed norm hypothesis / social connotations hypothesis*”.

#### 4. Referências

- Bezooijnen, Renée van (2002). Aesthetic Evaluation of Dutch: Comparisons across Dialects, Accents, and Languages. In Dennis Preston & Daniel Long (eds.). *Handbook of Perceptual Dialectology*, Amsterdam, Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, vol. 2, 13-30.
- Chambers, J.K. & Trudgill, Peter (1998). *Dialectology*. Second Edition, Cambridge: Cambridge University Press. (1ª Edição: 1980).
- Demirici, Mahide (2002). Gender Differences in the Perception of Turkish Regional Dialects. In Dennis Preston & Daniel Long (eds.). *Handbook of Perceptual Dialectology*, Amsterdam, Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, vol. 2, 41-50.

<sup>35</sup> Nos dois parâmetros em avaliação: *falar melhor e falar pior*.

<sup>36</sup> Os resultados verificados para o PE indicam o mesmo tipo de resultados verificados para outras línguas, excepto na identificação da variedade com sendo a mais correcta, uma vez que Coimbra não é a cidade capital de Portugal.

- Labov, William (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia, Pennsylvania University Press.
- Lima, Luísa Pedroso (2000). Atitudes: estrutura e mudança. In Maria Benedicta Monteiro & Jorge Vala (Coords.). *Psicologia Social*. 4ª Edição. Serviço de Educação. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 187-225. (1ª Edição: 1993).
- Marques, José & Paéz, Dário (2000). Processos cognitivos e estereótipos sociais. In Maria Benedicta Monteiro & Jorge Vala (Coords.). *Psicologia Social*. 4ª Edição. Serviço de Educação. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 333-384.
- Milroy, James & Milroy, Lesley (1991). *Authority in Language*. 2nd Edition, London: Routledge and Kegan Paul. (1st Edition: 1985).
- Trudgill, Peter (1984). *On Dialect. Social and Geographical Perspectives*. Oxford, New York, Basil Blackwell.
- Vala, Jorge & Monteiro, Maria Benedicta (Coords.) (2000). *Psicologia Social*. Lisboa, 4ª Edição, Fundação Calouste Gulbenkian. (1ª Edição: 1993).